

BETH SOARES

Ele escreve para mim | Emoceano | Palavras | Sinto pouco, sinto muito

Ele escreve para mim

Eu só o conheci recentemente. Nunca havia me aproximado, porque achava que era demais para mim. O clichê “muita areia para meu caminhão”, gritava forte toda vez que eu pensava nisso. Até que um dia dei de cara com ele que, sedutor, acenou-me. Olhei ao redor, para confirmar se era mesmo comigo, e percebi que havia apenas eu e ele – que sempre foi meu *crush* – na sala e, naquele momento, tive certeza que esse segredo já não fazia mais sentido. Tomei coragem e o convidei para sair dali. Ele foi simpático, agradeceu e, posso jurar, pareceu aliviado.

No início, conversávamos todas as noites. Na verdade, eu só me mantinha atenta às suas palavras. Ele me contou a história de um pescador. Uma história que falava do humano e da sua coragem. E sobre não termos controle de todas as coisas o tempo todo: circunstâncias, natureza, o que fazem as outras pessoas, nem mesmo das nossas necessidades essenciais. Falava da importância de olharmos para a vida com simplicidade. E que a medida da nossa força vai muito além do corpo que nos serve de instrumento. Contou-me isso de maneira seca. Direta. No fim da história, chorei um choro doído pela beleza crua da vida. Percebi como é frágil a matéria de que somos feitos. E, ainda assim, ela pode nos levar longe, pois tem algo de indestrutível.

Nos dias que se seguiram, no caminho para o parque, ele foi-me contando sobre a dureza de se tentar viver de livros. Descobri que há algo doce e sutil que alimenta quem vive das palavras. A gente se esquece de comer, inclusive.

Porque nenhuma outra atividade consegue matar essa fome, que se agarra a nós e nos permite experimentar uma espécie de lucidez que faz com que tudo pareça mais vivo, mais intenso e mais cheio de sentido. O que é uma vantagem quando o dinheiro é pouco.

– Você tem certeza que é esse o caminho que quer?

Eu dizia que sim e ele se abria em sorrisos, em frente ao lago.

– O dinheiro é escasso. Mas não reclame.

Contava que sempre se arrependia e se sentia mal consigo mesmo quando reclamava da vida. Eu sabia exatamente do que ele falava. Também me sentia assim. Se bem que Sylvia, uma amiga que me apresentou, nos disse que podíamos reclamar:

– Falem sempre do que quiserem – ela nos tranquilizava. Não sabem então que todos os escritores têm o costume de falar constantemente naquilo que os preocupa? Só me prometam que não se preocuparão tanto e que comerão o suficiente.

Eu prometi e ele também. Mas quebramos a promessa, como todos os adultos costumam fazer com frequência. Porque as promessas são meninas criadas pelas certezas. E as certezas moram em gaiolas. Aprendi isso com Fiódor, um russo, nosso colega de profissão, que também virou um amigo.

Tínhamos muito em comum. Uma noite ele me contou que também renunciou a coisas que abriram um vazio dentro dele. Mas eu não precisava me preocupar, pois isso era coisa comum.

– Se a coisa for má, o vazio enche-se por si próprio. Se for boa, procure algo ainda melhor para preencher.

Assimilei aquilo com gratidão e alívio. Ernest disse-me, ainda, que quando a primavera chegar todos os problemas que eu imagino ter acabarão. Aconselhou-me a me cercar daquelas pessoas raras, que não são limitadoras da felicidade:

– Você as reconhece porque elas são tão boas quanto a própria primavera.

Tenho atendido aos seus conselhos. Afinal, tenho certeza: Hemingway escreve para mim.

Emoceanos

Na noite passada, tive um sonho desses bem vívidos, difíceis de esquecer. Eu estava num lugar diferente do que vivo hoje, numa espécie de aldeia, para a qual eu havia acabado de me mudar. Era meu primeiro dia naquela casa,

e eu tirava minhas coisas de caixas, quando a paisagem roubou minha atenção. Da janela, eu podia ver um castelo belíssimo, com uma cúpula arredondada. Eu sabia que estava perto do mar e, de repente, conseguia sentir a maresia e ouvir o som das ondas, que começaram a parecer cada vez mais fortes. Enquanto eu admirava o castelo, que agora parecia estar ao alcance das minhas mãos, comecei a ver as ondas rebentando em suas muralhas. Pensei estar presenciando uma ressaca, algo que me é tão familiar na Ponta da Praia, em Santos.

Em poucos segundos, o mar avançou. As ondas ficavam cada vez maiores, mais fortes, até que uma delas cobriu o castelo. Eu sentia que a próxima seria ainda maior. Vi quando ela, gigante, começou a se formar e cobrir o sol. Eu me afastei um pouco da janela e, embora fosse um cenário cataclísmico, não senti um medo paralisante.

A onda aproximou-se lentamente até cobrir toda a casa. Uma das janelas estava aberta, mas o mar não entrou agressivamente, apenas respingou e molhou um pouco o chão, contrariando todas as leis da física. Fiquei por vários minutos naquela casa submersa, admirando o oceano por dentro, maravilhada. Ainda no sonho, liguei para uma grande amiga, a Aline, que – por algum motivo – estava morando no andar de cima e fazia um bolo que amo, de limão. Contei da minha experiência no andar de baixo e ela disse:

– Ah, amiga, isso acontece de vez em quando. Se ficar com medo, pode subir que a gente admira a vista daqui de cima.

Agradei, mas eu preferia mesmo era ficar ali, em meio ao oceano. A sensação de submergir sempre me foi fascinante, porque é o mais próximo que posso estar da sensação de voar. Pensava nisso quando acordei.

Peguei o celular para ver as horas e havia inúmeras mensagens. Eram avisos de postagens novas nas redes sociais dos amigos e, como eu estava com saudades, resolvi vê-las todas. Uma delas me levou a uma ilustração com traços bem infantis, em canetinha hidrocor azul, nos quais podia-se ver um rosto desenhado em meio ao oceano. Abaixo, escrito em letras garrafais com a mesma hidrocor que desenhou as ondas revoltas do mar, lia-se “EMOCEAN”. Além da incrível coincidência, aquela imagem me transportou a alguns anos no passado.

– Menos emoções, Beth. Elas te fazem mal.

Foi o que eu ouvi da minha médica, após uma consulta de rotina que acabou revelando que o lúpus estava novamente ativo.

– Impossível, eu respondi. Não consigo me adaptar a uma vida sem emoções. Nenhum risco de morte é mais nocivo do que estar morta... em vida.

Ela riu com algum pesar e ainda insistiu:

– Ao menos tente.

Eu tentei e tudo começou a secar. Então, deixei o mar avançar de novo. Algumas vezes, ele abusa e devasta tudo que eu achei que construí. Noutras, ele entra devagar e molha de leve meus pés cansados.

Djavan fez do oceano um verbo: “Você deságua em mim e eu oceano.” É neste oceano que nado e só nadando a vida me acerta. Em cheio. Bem cheio, mesmo. Esse é o verbo que me preenche. No fim, vou poder dizer que já estive revolta, de ressaca, repleta de altos e baixos e até passando por alguns períodos de calma. Mas nunca, nunca estive vazia.

Palavras

Certa vez, ouvi que o maior medo do ser humano é o de falar em público. Maior até que o medo a morte. Para quem sempre preferiu a coxia ao palco, escrever é certamente uma excelente maneira de sair da plateia, sem, contudo, ter que se expor aos holofotes, ao menos não diretamente. É o seu filho que está lá na frente, apresentando-se. Não importa se é um monstro ou uma virgem dos lábios de mel: essa criatura é sua e revela muito de você, ainda que pareça misteriosa a quem lhe encara.

Percebo que há os que manifestam seu amor ao mundo acolhendo. Há os que cozinham. Os que abraçam. E os que aconselham. Os que oferecem seu tempo, seu ouvido. E há os que oferecem suas palavras, para que o outro as tome como suas porque muitas vezes elas também o são, só não estavam maduras para o mundo, ainda. Porque escrever é dar nome às coisas que se apresentam na vida ainda novas e sem título. É traduzir o universo a partir de um lugar único, mas cheio de circunstâncias vivenciadas por vários de nós.

Escrever é uma maneira de digerir a vida, sem a preocupação de ter milhares de curtidas ou virar *best-seller*. Se isso vier, depois, ótimo. Mas se não vier, o prazer permanece. É só assim que nascem as verdadeiras palavras. Muitas vezes a intenção é colocar para fora o sentimento antes que ele exploda e provoque um cataclismo. Esse desabafar para o papel, com grande dose de honestidade, invariavelmente cria uma conexão com o outro bastante peculiar. Soa como um sussurro por trás da cortina: ei, você não está sozinho, eu também sinto isso!

Essa tentativa de traduzir o próprio tempo, a história das vidas – nossas ou dos outros – que abarcamos ao longo do caminho, é um exercício que está ao alcance de todos. Alguns, no entanto, estabelecem uma relação mais íntima

com as palavras, tanto ao lhes darem vida no papel, quanto ao espremê-las em sua inteireza, pela leitura.

Sei que nem todos são amigos delas. Deve ser porque em algum momento acharam que seria simples subjugá-las. Engana-se quem acredita que basta enfileirá-las, uma após outra, na tela ou no papel, ou pronunciá-las com exatidão para o cérebro captá-las mecanicamente. As palavras são tão sensíveis quanto temperamentais e certamente vão abandonar quem as trata assim.

Mas algumas vezes, talvez por puro capricho, elas permanecem firmes, com seus olhos de cigana oblíqua e dissimulada, ao lado do escritor cartesiano com o único fim de serem traiçoeiras. Por serem belíssimas, fazem seu criador achar que é grande. Mas uma palavra que soe bela e vazia é, em essência, só vazia. E, como a casca bonita que esconde a fruta azeda ou oca, não servem para quase nada. Ou para nada mesmo. E as palavras, inclusive as bonitas, se recusam a ser mal-usadas: elas preferem a morte. Não comunicar é a morte para qualquer palavra.

Sou grata por cada palavra que pari. Porque elas também me deram à luz. Elas me conduziram pela estrada que tomei e é pela força de cada uma delas que estou hoje aqui com você, leitor, compartilhando um tanto do nosso tempo de vida. Agradeço por envolvê-las em seus sentidos, nutri-las, regá-las e permitir que cada uma delas floresça para virar novas ideias. Graças a você todas as palavras já escritas no mundo permanecem vivas. Ler é resistir. Resistir à barbárie, à violência e à ignorância, tão sedutoras em qualquer tempo. Neste instante te convido a olhar para o palco. Eu, minhas palavras e as de todos os meus contemporâneos e ancestrais da escrita, estamos na plateia. Tiramos nosso chapéu e nos curvamos. Quem está no palco é você. Obrigada.

Sinto pouco, sinto muito

Eu estava sentada, olhando dois patos muito diferentes que nadavam lado a lado no lago. Era um dia de sol e calor – 20 graus, em pleno inverno europeu, pode ser considerado calor, sim – e decidi aproveitar para aumentar minha reserva de vitamina D. No banco ao lado, um senhor, na casa dos 70 anos, sentou-se. Cabelos brancos, rareados. Olhou para o casal esquisito de patos e suspirou. Um suspiro alto, que me fez esquecer os olhos nele. Olhou para mim e sorriu. Um sorriso triste que só. Indicou os patos com a cabeça e disse com seu sotaque português do norte:

– Bem fazem eles, que aproveitam a oportunidade de estarem juntos. Prazer, meu nome é Júlio.

Estendeu-me o cotovelo. Eu levantei, dei dois passos na direção dele, encostando levemente meu cotovelo nu no seu agasalho azul. Seu Júlio me contou que, quando jovem, na casa dos 30, conheceu Bia em uma viagem à Bavária, na Alemanha. «Ela parecia um pouco perdida» – ele sorria ao se lembrar. Moravam em Portugal, mas em cidades diferentes, e combinaram de se corresponderem por cartas depois daquele primeiro encontro regado a cerveja e camarões. As cartas chegavam toda semana. Ele achava divertido, ria e ansiava por elas. «Ela tinha piada, era inteligente, expunha incertezas, conflitos e tinha a mania de pensar demais». Contou-me que achava graça dos dilemas dela e lhe sugeria sempre uma saída:

– Pense menos! Abrace a dúvida!

Ela atendia por algum tempo, mas logo voltava às angústias engraçadas e cheias de vida. «Eu a imaginava a rir um riso gostoso ao ler minhas recomendações e piadas, assim como o meu riso era, cada vez que a lia».

Com os meses, ele foi deixando de se entusiasmar. As cartas continuavam espirituosas e cheias de luz, mas ele não estava bem com aquilo. «Ela tinha tanta honestidade para falar dos sentimentos. Eu nunca seria assim e isso me incomodava». Passou a responder-lhe com bilhetes curtos. «Arrogante demais para ver que ela salvava meus dias tanto quanto eu achei que salvava os dela. Um parvo» – resumiu.

Um dia, recebeu uma carta na qual Bia lhe perguntava se preferia que ela não contasse mais suas histórias. Ele não disse nem sim, nem não. Apenas que não tinha paciência para essa quantidade de cartas. Tinha coisas a fazer e estar ao lado da caixa do correio não era algo que lhe apetecia. Recebeu, após isto, um último bilhete dela, que dizia: «Eu entendo. E sinto muito por ocupar seu tempo. Sinto, de verdade».

Por orgulho, ele não voltou atrás, nem mesmo quando a saudade o rasgou por dentro. Não lhe enviou uma única carta, piada ou conselho bobo de como se deve viver a vida para não permitir que algumas coisas aflijam tanto. «Vês? Eu quis tanto lhe ensinar a ser fria e o meu coração ardeu. Tive tanto medo de sentir. E minha pena foi passar a vida sentindo a falta dela». Os olhos castanhos do Seu Júlio se encheram de lágrimas, que não rolaram.

Uma vez por semana, ele viaja 70 quilômetros de comboio e vai àquele parque, que fica na cidade onde Bia vivia. Passa horas a olhar as aves no lago que ela descrevia. Tenta ver pelos olhos dela, que há 20 anos não estão mais a olhar naquele mundo. «Vês esse lago? Creio que são todas as lágrimas que

represei na vida. Ela sabia que ele era feito disso, da dor dos amantes que não se permitem doer. E dizia que até nisso havia beleza. E eu duvidava. O tempo todo ela esteve certa».

Os patos mudaram o rumo e voaram juntos. Seu Júlio acompanhou o voo com os olhos. Vi quando a primeira lágrima, em 40 anos, seguiu seu curso de volta ao lago.

NOTA BIOGRÁFICA

Beth Soares é o nome profissional de Elizabeth Soares Evangelista, jornalista e cronista brasileira nascida na cidade de Santos, em São Paulo. Escreve quinzenalmente para revista de sua região natal, na qual relata, entre outras coisas, suas experiências recentes em terras lusitanas. Em 2015 publicou seu primeiro livro de não-ficção, intitulado *Até o Fim*. Em 2016 participou da coletânea *O mundo é mais bonito pelo olho da poesia*, com duas crônicas. Seu segundo livro, também de não-ficção, *O lobo, o urso e a cura*, foi publicado em 2019. Em 2020 contribuiu com um conto para a coletânea *Tempo para o Amor*. Hoje, atua na pequena editora que fundou, em 2015, na cidade onde nasceu, ao mesmo tempo que frequenta o Mestrado em Estudos Editoriais na Universidade de Aveiro.

